

A língua Portuguesa falada em Timor-Leste:
Um estudo ecolinguístico

PLURICENTRIC LANGUAGES WORLDWIDE:
SERIES 2: RESEARCHING PLURICENTRIC LANGUAGES
VOLUME 3

Edited by
Rudolf Muhr, Juan Thomas, Eugenia L. Duarte,
and Dawn Marley



PLURICENTRIC LANGUAGES WORLDWIDE
SERIES 2: RESEARCHING PLURICENTRIC LANGUAGES

Davi Albuquerque

**A língua Portuguesa falada
em Timor-Leste:
Um estudo ecolinguístico**



pcl
PRESS

Graz 2024

Bibliographic Information:

ISBN: 9789403736181

PCL-PRESS Graz, 2024 (<https://pcl-press.org>)

All rights reserved.

Printed by bookmundo.de (Rotterdam) and obtainable as printed copy via <https://publish.bookmundo.de/shop/>

Downloadable as an ebook via <https://pcl-press.org/>

PCL-Press is the publishing house of the International Working Group on Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages and their Non-Dominant Varieties (WGNDV) (<https://pluricentriclanguages.org>). It is a subdivision of the Austrian German Association (AGA), Graz, Austria.

The photo on the cover is by courtesy from Thomas Vuillemin, freely available at <https://unsplash.com/de/>

All parts of this publication are protected by copyright. Any utilization outside the strict limits of the copyright law, without the permission of the publisher, is forbidden and liable to prosecution. This applies in particular to reproductions, translations, microfilming, and storage and processing in electronic retrieval systems.

Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso...

Os *Lusíadas*, Canto X (133-134)
Luís Vaz de Camões

PREFÁCIO

Vou começar este prefácio falando um pouco do modo de trabalhar de Davi Borges de Albuquerque, meu ex-aluno de Mestrado e de Doutorado, na Universidade de Brasília (UnB). Quando ele me procurou para saber se poderia orientar seu trabalho de Mestrado, já estava com a dissertação praticamente pronta. Sob o título de *Esboço gramatical do tetun praça: Língua oficial de Timor-Leste*, ela foi defendida no final do ano de 2011. Apenas três anos depois, ele defendeu a tese de Doutorado, intitulada *A língua portuguesa em Timor-Leste: Uma abordagem ecolinguística* (2014). Quando lhe é solicitada alguma colaboração, como parecer sobre um artigo a ser publicado, a resposta demora uns poucos dias. Em trabalhos conjuntos, em coautoria, ele sempre é o primeiro a fazer sua parte. Isso é apenas para mostrar a dedicação, o senso de responsabilidade de Davi. O que ele promete fazer, faz logo, não fica “enrolando”, como se diz em linguagem popular.

Davi não se contenta com conhecer teorias. Ele gosta também de aplicá-las. Após fazer pesquisas de campo em Timor-Leste, ele vem se dedicando à análise do material recolhido há muitos anos, como a dissertação e a tese demonstram. Além disso, ele tem diversos artigos e capítulos de livros sobre o assunto. Por isso, está mais do que gabaritado para fazer o livro ora prefaciado, *A língua portuguesa falada em Timor-Leste: um estudo ecolinguístico*, que resulta de uma reelaboração da tese de Doutorado. Ele é um dos primeiros estudiosos de Ecolinguística no Brasil, tendo começado a estudá-la já em 2007, ano de lançamento do primeiro livro sobre o assunto em português, ou seja, o meu *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente* (Brasília: Thesaurus, 2007). No ano de 2010, Davi assistiu a um dos primeiros cursos de Ecolinguística ofertados na UnB. Mas, eu gostaria de ressaltar que o fato de ele ter começado a estudar a disciplina após o lançamento do primeiro livro em português não se deve ao desconhecimento de línguas estrangeiras. Pelo contrário, ele conhece muito bem o inglês e até um pouco de indonésio, além de outras línguas.

O livro se divide em oito partes, cada uma delas com vários capítulos, alguns destes com subcapítulos. Na “Introdução”, o autor já fala sobre o difícil processo de colonização de Timor-Leste por Portugal e a mais difícil ainda implantação da língua portuguesa, sobretudo mediante trabalho dos frades dominicanos. Mostra também que o processo foi interrompido com a invasão indonésia, que tentou implantar a língua indonésia (*bahasa indonesia*) e acabar

com tudo que tivesse a ver com Portugal e toda a cultura portuguesa. Os administradores indonésios da época tentaram aniquilar até mesmo as línguas autóctones. O desiderato do estado indonésio era impor o bahasa indonesia, como vem tentando fazer nas demais ilhas que compõem o arquipélago indonésio. Além disso, a Indonésia é o maior país muçulmano do mundo, o que já justificaria sua repugnância por tudo que tinha a ver com Portugal, país eminentemente cristão, mais especificamente, católico.

A invasão indonésia se deu em 1975, durante o governo de Hadji Mohamed Suharto, segundo presidente da Indonésia, que a governou de 1967 a 1998 (o antecessor e primeiro presidente do país fora Ahmed Sukarno, de 1945 a 1967). Em 1999 realizou-se um plebiscito sob patrocínio da ONU (Organização das Nações Unidas), no qual a maioria dos leste-timorenses optou pela independência da região como o país Timor-Leste. O referendo se deu em 30 de agosto de 1999 a pedido do presidente Bacharuddin Jusuf Habibie (ele esteve no poder de 21 de maio de 1998 a 20 de Outubro de 1999) ao Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, em 27 de janeiro de 1999. A independência se deu num período de transição desse governo para o de Abdurrahman Wahid (que governou a Indonésia de 21 de Outubro de 1999 a 23 de Julho de 2001). No ano seguinte, Timor-Leste tornou-se estado soberano, precisamente em 20 de maio de 2002.

Um fato interessante é que Davi se propõe seguir na estruturação do livro uma sugestão de Einar Haugen, tido como o pai da Ecolinguística. Não é necessário comentar todo o sumário, pois o próprio autor o faz na Introdução. Por isso, eu vou apenas elencar as partes que o compõem, sem os capítulos e subcapítulos de cada uma delas. São elas:

Introdução

A teoria ecolinguística

Os estudos de língua portuguesa em Timor-Leste

A metodologia em Ecolinguística

O ecossistema linguístico local

A variedade do português de Timor-Leste (PTL)

Ecologia da aquisição e do multilinguismo em Timor-Leste

Ecologia do contato de línguas em Timor-Leste

Para uma ecologia da língua portuguesa em Timor-Leste e sua preservação

Não obstante o que acaba de ser dito, creio que vale a pena salientar um pouco do conteúdo de algumas dessas partes. A Parte II trata da pouco

explorada questão da metodologia em Ecolinguística, assunto que Davi foi um dos primeiros a investigar, como se vê no artigo "Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística" (*Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142), logo após as reflexões iniciais de Mark Garner, Joshua Nash e Hildo Couto.

A Parte 4 apresenta uma radiografia da realidade ecolinguística de Timor-Leste. Mas, a parte central do livro é a 5, em que o autor faz uma pormenorizada descrição das características endoecológicas do português de Timor-Leste. Essa descrição vai desde as especificidades fonético-fonológicas do português local, passando pela morfossintaxe (falando de questões sintáticas, como marcadores verbais TMA), sujeito nulo, concordância variável, elementos tetunófonos no português timorense, até chegar a empréstimos do malaio, do chinês e do japonês.

Ao falar do multilinguismo local (Parte 6), Davi não se restringe a fazer uma resenha do que existe. Pelo contrário, ele encara o fato da perspectiva da introdução do fenômeno no país, melhor, da aquisição das diversas línguas pelas etnias locais. Como se trata de um país multilíngue, o tema 'contato de línguas' é inevitável. Por isso, o autor o investiga na Parte 7 do livro, distinguindo contatos interlinguísticos e contatos intralinguísticos, terminando com um apanhado geral da 'ecologia do contato de línguas' e seu papel na formação do PTL (Português de Timor-Leste). A despeito de seu pequeno território, o país tem cerca de uma vintena de línguas, dentre as quais se salientam o Tetun (com diversas variedades), Makasae, Mambae e Bunak, além do português, do *bahasa indonesia* (nome oficial da língua indonésia) e do inglês. O apanhado geral é coroado com 'Uma ecologia da língua portuguesa em Timor-Leste e sua preservação', que constitui a Parte 8 do livro.

Essa última parte do livro é emblemática para o tom que predomina em todo ele. Vale dizer, o livro ora resenhado é não só um dos mais detalhados apanhados gerais da língua portuguesa em Timor-Leste no contexto do multilinguismo local, mas pode também ser usado como fonte de estudo da própria teoria ecolinguística. Além de constituir objeto específico da Parte I, essa teoria aparece em praticamente todas as demais partes, com respectivos capítulos e subcapítulos. O livro é teórica e empiricamente ecolinguístico, de ponta a ponta. Isso porque ele não apenas utiliza a terminologia ecolinguística, mas também segue os pressupostos filosóficos que subjazem a ela.

Resumindo, o livro *A língua portuguesa falada em Timor-Leste: um estudo ecolinguístico*, de Davi Borges de Albuquerque, deve ser lido por todos aqueles que se interessam por pelo menos três assuntos. O primeiro é a questão da língua portuguesa em Timor-Leste. O segundo é a situação linguística local, com seu vasto multilinguismo. O terceiro é a própria teoria da Ecolinguística. Por tudo isso, este é um livro necessário nas prateleiras de qualquer universidade e de qualquer pessoa interessada nesses três assuntos.

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília
Brasília-DF, Janeiro de 2024

Índice de conteúdos

PREFÁCIO	7
ÍNDICE DE CONTEÚDOS	11
ABREVIATURAS UTILIZADAS	13
LISTA DE FIGURAS, MAPA E TABELAS	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A TEORIA ECOLINGUÍSTICA	22
1.1 Pressupostos teórico-filosóficos.....	22
1.2 Visão ecológica da língua: os precursores	31
1.3 Ecolinguística: modelos teóricos	33
1.4 Problemas terminológicos	40
CAPÍTULO 2: OS ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE	43
2.1 O português de Timor-Leste: o PTL e o CPB.....	44
2.2 O português em Timor-Leste: questões sobre o ensino	47
3. A ecolinguística e Timor-Leste	49
CAPÍTULO 3: A METODOLOGIA EM ECOLINGUÍSTICA.....	54
3.1 Procedimentos metodológicos da ecolinguística	54
3.2 A coleta dos dados	63
3.3 A análise e interpretação dos dados.....	65
CAPÍTULO 4: O ECOSISTEMA LINGUÍSTICO LOCAL	67
4.1 Os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste	68
4.2 Breve história de Timor	74
4.3 A presença da língua portuguesa	78
4.4 O impacto do colonizador português	82
4.4.1 Adaptações nos eventos de fala	86
4.4.2 Adaptações nas situações de fala.....	103
4.5 A ecologia da escrita e do letramento em sociedades ágrafas ..	112
4.5.1 O impacto das novas mídias e tecnologias	118
4.6 O futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste.....	120
CAPÍTULO 5: A VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE (PTL)	123
5.1 Informações preliminares	123
5.2 Aspectos fonético-fonológicos.....	127
5.2.1 A realização dos fonemas	127
5.2.2 A acentuação	131
5.2.3 Alguns processos fonológicos	140
5.2.4 A prosódia	143
5.3 Aspectos morfosintáticos	147
5.3.1 Uso de morfemas derivacionais.....	147
5.3.2 Os marcadores verbais de TAM	155

5.3.3	Uso da cópula e de conectivos	159
5.3.4	Emprego dos pronomes pessoais	163
5.3.5	Sujeito nulo	166
5.3.6	Concordância variável	169
5.4	Aspectos léxico-semânticos	173
5.4.1	Retenções quinhentistas	176
5.4.2	Mudanças semânticas	179
5.4.3	Empréstimos das línguas locais	185
5.4.3.1	Elementos tetunófonos no PTL	186
5.4.3.2	Demais línguas locais	189
5.4.4	Empréstimos de outras línguas	191
5.4.4.1	Malaio	192
5.4.4.2	Chinês	194
5.4.4.3	Japonês	195
CAPÍTULO 6: ECOLOGIA DA AQUISIÇÃO E DO MULTILINGUISMO		
EM TIMOR-LESTE		198
6.1	Ecologia da aquisição e do multilinguismo	199
6.2	Ecologia da interação comunicativa (EIC): bilinguismo e multilinguismo	203
6.2.1	Atos de interação comunicativa (AIC) n° 1: um falante multilíngue leste-timorense	203
6.2.2	AIC n° 2: ecologia da interação intercultural	216
6.3	A língua portuguesa em Timor-Leste: L2, L3 ou LE?	
	Situações de diglossia e multilinguismo	234
CAPÍTULO 7: ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE		240
7.1	O contato de línguas em Timor-Leste	241
7.2	Os resultados dos contatos de línguas em Timor-Leste	245
7.2.1	Resultados dos contatos interlinguísticos	246
7.2.2	Resultados dos contatos intralinguísticos	250
7.3	A ecologia dos contatos de línguas e a formação do PTL	262
CAPÍTULO 8: PARA UMA ECOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE E SUA PRESERVAÇÃO		275
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		283

ABREVIATURAS UTILIZADAS

1sg	'1ª pessoa do singular'
2sg	'2ª pessoa do singular'
3sg	'3ª pessoa do singular'
CL	'classificador'
DEF	'definido'
EXI	'verbo existencial'
FEM	'feminino'
IND	'indefinido'
INT	'intransitivizador'
IRR	'irrealis'
LOC	'locativo'
MSC	'masculino'
NEG	'negação'
PERF	'perfectivo'
PL	'plural'
POS	'possessivo'
TOP	'tópico'

LISTA DE FIGURAS, MAPA E TABELAS

Figura 1: Ecosistema Linguístico Ecosistema Social da Língua.....	53
Figura 2: Ecosistema Fundamental da Língua.....	61
Figura 3: Representação dos Ecosistemas Natural (1), Mental (2) e Social (3) da Língua.....	68
Figura 4: A filiação do Proto-Timórico.....	70
Figura 5: O grupo Fabrônico de línguas Timóricas.....	71
Figura 6: O grupo Ramelaico das línguas Timóricas	71
Figura 7: As línguas papuásicas de Timor-Leste e suas filiações.....	72

Figura 8: Ecossistema Mental da Língua	96
Figura 9: <i>Continuum</i> de variação do PTL	126
Figura 10: Participantes da ecologia da interação comunicativa	165
Figura 11: Possibilidades de participantes expressos nos pronomes	165
Figura 12a: Esquematização dos processos mentais.....	182
Figura 12b: Representação mental do lexema	183
Figura 13: Representação mental das informações e da produção fonológica.....	184
Figura 14: Esquema do caminho dos processos mentais.....	184
Figura 15: Adaptação e caminho reverso dos processos mentais.....	185
Mapa 1: Timor-Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território.....	73
Tabela 1: Falantes de português em Timor-Leste.....	18
Tabela 2: Competências linguísticas em português dos falantes de Timor-Leste.....	19
Tabela 3: Exemplos do tabu linguístico <i>lia tasi</i>	93
Tabela 4: Exemplos da língua ritual <i>lia na'in</i>	95
Tabela 5: Influência da L1 e L2 na fonologia do PTL.....	208
Tabela 6: Frequência dos itens lexicais da L1 e L2 na fala em PTL 208....	210
Tabela 7: Reduplicação parcial em Tetun.....	254

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa está entre as línguas mais faladas do mundo, com cerca de 200 milhões de falantes (Lewis; Simons; Fenning 2013). Além de Portugal, os países em que o idioma português se desenvolveu, ou vêm se desenvolvendo, são ex-colônias que resolveram manter ou adotar o português por motivos culturais, políticos e econômicos. A República Democrática de Timor-Leste, ou simplesmente Timor-Leste, enquadra-se na situação mencionada. *Timor Português*, como era conhecido em tempos antigos, era colônia portuguesa desde 1515, permanecendo sob o controle português até 1974.

Durante esse período, a educação ficou a cargo dos frades dominicanos, que acabavam por apresentar um critério tendencioso para selecionar os alunos a ser ensinados, sendo esta seleção preocupada em admitir nas escolas dominicanas somente os cidadãos nativos mais influentes, como: nobres e suas respectivas famílias, chefes de vilarejo, entre outros (Hajek 2000). Assim, a língua portuguesa, somada a outras disciplinas do ensino formal da época, era conhecida apenas por poucos cidadãos nativos. Uma série de modificações em relação ao ensino nas colônias foi colocada em prática nos séculos XVIII e XIX, e fez com que a parcela de timorenses falantes de língua portuguesa aumentasse no período anterior à invasão indonésia, no início da década de 1970.

Em 1975, a parte leste da ilha de Timor foi invadida pela Indonésia. Neste período, passou a ser chamada de *Timor Timur* (*timur* 'leste' em indonésio) pelos indonésios e foi anexada como 27ª província indonésia. A língua imposta à população leste-timorense foi o *bahasa indonesia* (*bahasa* 'língua'), ou indonésio, que se trata da variedade do malaio falado na Indonésia e língua oficial do país. O governo indonésio acabou por reprimir violentamente o uso da língua portuguesa e também desvalorizar as demais línguas nativas. Além disso, iniciou uma completa reforma no ensino que se mostrou eficaz, com fluxo constante de materiais didáticos em indonésio, professores e demais profissionais capacitados na área educacional (Arenas 1998). Isto causou quase uma extinção da língua portuguesa em Timor, que já era falada por uma pequena parte da população, porém o movimento de resistência acabou por adotá-la como um símbolo de identidade timorense e na luta contra dominação indonésia. Esta situação se estendeu até 1999, quando o país realizou um plebiscito, votando a favor da retirada indonésia.

Segundo Costa (2002/2003), a igreja católica, que é a religião predominante em Timor-Leste até a atualidade, e as instituições relacionadas a ela, como seminários, externatos e colégios, que eram, na época da invasão indonésia, as únicas instituições de ensino ao lado de escolas militares, foram vigiadas pelos militares indonésios. Em um telegrama oficial do governo indonésio era decretada a eliminação de tudo que tivesse *berbau portugis* 'sabor português', principalmente a educação e cultura dos cidadãos leste-timorenses (Costa 2002/2003).

O único aspecto positivo da dominação indonésia que constantemente é levantado pela própria população leste-timorense, e até por alguns estrangeiros, foi a construção de uma infraestrutura para o país, como: pavimentação, estradas, postes, pontes, estações de água e luz, residências em centros urbanos etc. Durante o período de colonização portuguesa poucas estruturas foram construídas para a população timorense, existindo uma preocupação maior com construções de estruturas ligadas à administração colonial, à igreja, à educação e ao militarismo.

Assim, este evento (a invasão indonésia) ocorrido no processo histórico da formação da nação leste-timorense foi decisivo para a situação atual da língua portuguesa, pois, além de o número de falantes de português ter aumentado significativamente nos anos anteriores à invasão, há a possibilidade de que o genocídio de parte da população timorense que lutou contra a Indonésia possa ter eliminado uma parcela de timorenses que fossem fluentes em português, seja como L1, seja como L2.

A liberação de Timor do jugo indonésio não foi pacífica e o período entre os anos de 1999 e 2002, que ficou sob administração provisória da ONU com a missão intitulada de UNTAET (*United Nations Transitional Administration in East Timor*), foi marcado por intensa violência e instabilidade, já que as tropas indonésias retiraram-se para a parte oeste da ilha, território indonésio, devastando e massacrando o que encontravam em seu caminho, contando também com o apoio de uma parcela da população leste-timorense que era simpatizante da indonésia e apoiava tal devastação contra o próprio país de origem.

Somente em 2002 ocorreu a votação para presidente, e a organização da constituição e de um governo democrático. Atualmente, a constituição promulgada atribui o status de língua oficial ao português e o Tetun¹:

¹ Optou-se pelas formas *Tetun* e *Tetun Prasa* no lugar das adaptadas *Tétum* e *Tétum-Praça*.

Artigo 13.º (Línguas oficiais e línguas nacionais)

1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste.

2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado. (República Democrática de Timor-Leste 2002, p. 11-12).

A mesma constituição aceita como línguas de trabalho o inglês e o indonésio:

Artigo 159.º (Línguas de trabalho)

A língua indonésia e a inglesa são línguas de trabalho em uso na administração pública a par das línguas oficiais, enquanto tal se mostrar necessário (República Democrática de Timor-Leste 2002, p. 45).

Desta maneira, pode-se observar brevemente que a língua portuguesa em Timor-Leste viu uma ascensão paulatina no meio ambiente da ilha (1515-1974), porém sofreu um grande declínio (1974-1999), que a ameaçou seriamente, cujos reflexos são vistos até os dias atuais. É possível observar também que a língua portuguesa, ao lado da religião católica (bem como o catolicismo está relacionado ao português), são dois traços de identidade individual e grupal que serviram como uma espécie de pilar para a organização da resistência contra a dominação indonésia, a formação do Timor independente e a reconstrução do país. Apesar de a parcela da população leste-timorense falante de português ter sido sempre reduzida no decorrer da história, limitando-se a segmentos específicos da sociedade (nobres, líderes, anciãos), estes indivíduos falantes de português foram decisivos para a escolha e a implantação do português no país, já que, além de serem cidadãos leste-timorenses de destaque, que lutaram contra a Indonésia dentro ou fora do país, a escolha pela adoção da língua portuguesa como língua oficial estreita laços com toda a comunidade lusófona, suas instituições, como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), e enfatiza uma identidade leste-timorense notavelmente distinta dos demais países vizinhos, que apresentam grande influência anglófona, garantindo que em um provável futuro a Indonésia possa repetir a invasão, alegando proximidade geográfica e cultural, como fez anteriormente. A escolha da língua portuguesa acaba também por manter uma série de tradições socioculturais de Timor, pois não apenas a língua, mas a política internacional, a educação e a religião foram mantidos. Porém, deve-se enfatizar que Timor-Leste não cortou os laços com os demais países,

procurando manter boas relações internacionais e tendo em mente a parcela da população nascida durante o período indonésio, o país decidiu por manter o inglês e o indonésio como línguas de trabalho.

A parcela da população que fala o português é um tanto incerta, já que os recenseamentos realizados são díspares, apresentando grande diferença entre os dados, e propensos a apoiar a ideologia de uma ou outra instituição internacional. Posteriormente, esta questão será retomada, sendo discutida com mais detalhes e alguns números apresentados. Entre entidades que possuem interesses em Timor-Leste, as mais notórias são os governos português, indonésio e australiano, a ONU, UNESCO, UNICEF e mais uma série de ONGs que atuam em diversos países, sendo que algumas delas são a favor da língua portuguesa, enquanto outras são a favor da implantação da língua inglesa e abolição do português. Vale enfatizar que o ensino de língua portuguesa em Timor-Leste desde sua reintrodução parece ter obtido alguns resultados, já que, segundo o *Relatório de Avaliação do Projecto de Reintrodução da Língua Portuguesa (PRLP) em Timor-Leste - 2003-2009* (Barbeiro et al. 2010, p. 32) o número de falantes cresceu cerca de 10%, passando de 5% para 15%.

De acordo com o último censo (DGE 2016, 2017), ocorrido em 2015, o número de cidadãos que declararam “falar, ler e escrever” em português aumentou, face ao censo anterior, alcançando o número de 316.586 pessoas, correspondendo a 30,8% da população. Mas esses números podem ser debatidos, pois quando questionados se o português é sua primeira, segunda ou terceira língua, a soma caiu significativamente para 1.384 (L1), 28.764 (L2) e 33.198 (L3):

	ZONA URBANA	ZONA RURAL	TOTAL
L1	1.214	170	1.384
L2	(não inf.)	(não inf.)	28.764
L3	(não inf.)	(não inf.)	33.198
Total	x	X	63.346

Tabela 1: Falantes de português em Timor-Leste
Fonte: DGE (2016, adaptado)

No mesmo censo, os falantes leste-timorenses também foram indagados a respeito de outras habilidades linguísticas, sendo elas “somente fala”, “somente lê” e “somente fala e lê”. Além disso, os cidadãos

responderam se sabem ou não português, dentro da seção “não fala, lê ou escreve”. Ainda, na mesma publicação, os resultados desse censo são comparados com o anterior, que data de 2010:

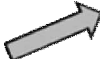





HABIL. LING.	CENSO NUM.	2010 %		CENSO NUM.	2015 %
Fala, lê e escreve	212.754	23,6%		316.586	30,8%
Somente lê	188.765	20,9%		251.750	24,5%
Somente fala e lê	17.103	1,9%		24.229	2,4%
Somente fala	36.597	4,1%		31.979	3,1%
Não fala, lê ou escreve	446.108	49,5%		404.992	39,3%
Total	901.327	100%		1.029.536	100%

Tabela 2: Competências linguísticas em português dos falantes de Timor-Leste; Fonte: DGE (2017: 46, adaptado)

Diante desse quadro descrito anteriormente, o objetivo do presente trabalho é analisar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste, não se limitando apenas a uma descrição de tal variedade, mas realizando um estudo holístico dessa comunidade de fala, levando em consideração tanto a situação social, política e o ensino do português em Timor-Leste (para diferenciar a língua portuguesa falada formalmente em Timor-Leste e aprendida nas escolas da variedade do português que lá se desenvolveu historicamente a partir do contato, da situação de multilinguismo, entre outras), quanto fatores que contribuíram para a formação de uma variedade leste-timorense do português, chamado aqui de Português de Timor-Leste (doravante PTL). Entre esses fatores é possível mencionar: a história da língua portuguesa na ilha de Timor e na Ásia, o contato entre língua/povos que ocorreram no decorrer dessa história, os processos de aquisição e multilinguismo que a afetaram, assim como a descrição dos traços linguísticos específicos do PTL.

Com o intuito de conduzir de maneira clara esta investigação, a presente obra se encontra parcialmente organizada de acordo com a proposta de Haugen (1972), onde o linguista propõe um método para se analisar a comunidade de imigrantes noruegueses que residem nos Estados Unidos. Assim, como tal método provou-se válido nas pesquisas seguintes do autor, sua divisão foi aplicada e adaptada à realidade da pesquisa sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Haugen (1972, p. 42-43) apresenta uma proposta de quatro passos para se analisar uma comunidade imigrante, ou seja, uma comunidade de fala que possui uma característica diferenciada de possuir seu povo/língua transplantado de seu meio ambiente original.

Os quatro passos são:

1. Analisar a comunidade de fala específica, sua história, aspectos sociais e culturais;
2. Descrever a língua da comunidade, relacionando-a com as línguas vizinhas e com a variedade não transplantada;
3. A tradição da língua escrita do povo/língua da comunidade de fala analisada;
4. Os nomes empregados por esta comunidade.

Como será visto posteriormente, os capítulos 4 e 5 foram organizados de acordo com os três primeiros passos de Haugen, enquanto o último passo, o estudo dos nomes de uma comunidade, se revelou um tanto inadequado para a análise específica do PTL e, por isso, não foi incluído. Enquanto os capítulos 6 e 7 foram somados pelo fato de contribuírem para um estudo holístico do objeto analisado aqui, já que abordam o PTL de acordo com outros pontos de vistas linguísticos, a saber: o contato de línguas e povos (6), e aquisição e multilinguismo (7).

Dessa forma, após a introdução, é feita uma apresentação da teoria ecolinguística, no capítulo 1, apontando também seus precursores, modelos e os pressupostos filosóficos. No capítulo 2, é oferecido um panorama dos estudos da língua portuguesa em Timor-Leste. Este panorama servirá como uma visão geral a respeito do que se conhece até a atualidade sobre o PTL. No capítulo 3, discutem-se as questões de metodologia em ecolinguística, assim como se discorre sobre o processo de coleta e análise dos dados utilizados aqui.

O capítulo 4 é que se baseou na proposta de Haugen (1972) citada anteriormente. Neste capítulo, é feita uma descrição do ecossistema

linguístico local, conceito similar ao da comunidade de fala, seguida por análises sócio-históricas e etnográfica da comunidade de fala antes e depois da colonização portuguesa, ou seja, quais foram os impactos da colonização sobre a ecologia nativa.

No capítulo 5, serão descritos aspectos específicos da língua portuguesa, diferenciando-se, primeiramente, a língua portuguesa em Timor-Leste, e todas suas implicações sociopolíticas, da língua portuguesa de Timor-Leste, variedade emergente da língua portuguesa formada pelo caráter de língua transplantada para um novo meio ambiente. Apresentar-se-á também uma análise dessa variedade linguística, o Português de Timor-Leste, identificando-se os traços linguísticos idiossincráticos e suas origens devido ao contato linguístico e à adaptação linguística ao novo meio ambiente.

No capítulo 6, serão discutidos a aquisição, o bi- e o multilinguismo em Timor-Leste sob o ponto de vista da ecolinguística. Assim, serão descritos os aspectos ecológicos desses processos, suas relações com os diferentes meio ambientes, e o papel da língua portuguesa nesta rede de inter-relações, de acordo com a teoria da ecologia da aquisição linguística.

Finalmente, a relevância do contato de línguas para a formação do PTL e para a configuração atual do ecossistema linguístico de Timor-Leste será analisada no capítulo 7. As diversas situações de contato, que geraram processos de evolução e adaptação linguísticas. Após este capítulo, serão feitas as considerações finais do presente trabalho.

CAPÍTULO 1

A TEORIA ECOLINGUÍSTICA

A ecolinguística é um ramo da linguística que teve seu início na década de 1970, exatamente com o trabalho de Haugen (1972), que será comentado posteriormente, e que viu seu ápice no final da década de 1990, com o maior número de trabalhos publicados (livros, capítulos de livros, artigos, entre outros) em diferentes línguas, sendo as principais o inglês, o alemão e o francês, no decorrer de sua breve história.

Atualmente, há diversos autores que apresentam diferentes propostas teóricas e metodológicas para a ecolinguística, que serão discutidas neste capítulo, como: o modelo gravitacional (Calvet 1999), o modelo evolucionário (Mufwene 2001, 2008), a gramática pragmo-ecológica (Makkai 1993), a linguística ecossistêmica (Couto 2013, 2016).

Há certos autores, como Finke (2014), que questionam o próprio status científico da ecolinguística, como uma nova área da ciência ou um novo ramo do saber, estando ligado à ecologia da mente ou ecologia do conhecimento, desta forma, indo muito além de certas teorias que consideram a ecolinguística como uma subárea da linguística.

Dessa maneira, este capítulo realiza uma breve introdução à ecolinguística, apresentando comentários e análises sucintos, para posteriormente selecionar as mais pertinentes a ser usadas durante a elaboração da presente investigação. Assim, serão estudados os pressupostos teóricos de outras áreas do saber que influenciaram a formação do pensamento ecológico da língua, com a fundamentação filosófica, em (1.1), seguido por (1.2) que estudará os precursores dos estudos da linguagem, que de alguma maneira começaram a perceber a ligação entre língua e meio ambiente. Já em (1.3) serão apresentados os diferentes modelos teóricos e, finalmente, em (1.4), serão discutidos alguns aspectos da terminologia ecolinguística.

1.1 Pressupostos teórico-filosóficos

O cenário europeu do final do século XIX e início do XX foi propício para o nascimento não apenas da ecologia, mas também para o desenvolvimento de uma série de teorias e sistemas filosóficos que passaram a questionar a fragmentação, a predominância da quantificação e a suposta superioridade da impessoalidade.

A ecologia e seus demais conceitos-chave, como meio ambiente e inter-relações, surgiram dentro da biologia no final do século XIX e, com o passar do tempo, se expandiram, aparecendo novos termos e suas aplicações expandiram-se de maneira interdisciplinar.

Assim, vários ramos do saber passaram, no início do século XX, por uma reviravolta, seja na abordagem, seja paradigmática, que os afetou inteiramente, inclusive na forma dos cientistas pensarem sobre suas ciências, experimentos e resultados, ou seja, a ciência como um todo passou a ser uma tarefa mais reflexiva e a ser repensada.

Diversos linguistas já haviam notado que os conceitos de Kuhn (1962) de 'paradigmas', a dicotomia entre 'ciência normal' e 'ciência' e 'revolução científica', não se aplicavam à linguística, destacando-se o ecolinguista Makkai (1993). Makkai (1993, p. 6), que é um ecolinguista, aponta que o conceito de revolução científica, proposto por Kuhn (1962), não se aplica à linguística, já que o paradigma desta ciência se manteve desde o período pré-socrático até a atualidade, com a dicotomia entre a doutrina de Heráclito de Éfeso (VI-Va.C.), representando a mudança, a dinâmica, a evolução e a diacronia, e de Parmênides de Eleia (VI-Va.C.), representando a sincronia, o objeto único e imutável.

Antes de enumerar os principais pressupostos teóricos da ecolinguística, a ser utilizados no presente trabalho, que serão discutidos logo abaixo, é necessário ter em mente a história dos estudos linguísticos para a compreensão de que na história das ciências uma série de elementos não científicos, como: política, economia, propaganda, poder etc. é capaz de interferir, alterando o curso de uma área do saber específico, em nosso caso, a linguística. Desta maneira, uma teoria em vigor nem sempre é a mais "científica", mas apenas aquela que venceu a "guerra" ideológica, como foi o caso da teoria gerativa, que tem como seu principal nome Noam Chomsky, um linguista norte-americano (país que é a atual potência mundial), de uma instituição reconhecida internacionalmente, o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), que ganhou fama também por sua militância e escritos políticos, assim como certas afirmações polêmicas. Em outras palavras, todas as características que fizeram a teoria gerativa se destacar no âmbito da linguística foram características não científicas.

Seguindo a proposta de Finke (2014), assim como Makkai (1993) já havia notado, as questões de poder tanto na teoria da ciência, quanto na

teoria linguística, foram fundamentais para a configuração atual em que se encontram ambas as disciplinas. Na teoria da ciência, surgiram no início do século XX diferentes teorias, que se apoiaram mais na lógica do que nos dados e na realidade, como o empirismo lógico de Carnap (1967) e Hempel (1952); o racionalismo lógico de Popper (1993); o pragmatismo de Quine (1956); além do paradigmatismo de Kuhn (1962), já mencionado. Desta maneira, cabe a pergunta: por que somente a teoria de Kuhn predominou no meio acadêmico, se ela apresenta problemas empíricos e morais? O mesmo é válido para a linguística, conforme Makkai (1993) levanta a questão: por que prevaleceu a teoria gerativa sobre as demais? Ao se refletir para responder tais perguntas, acaba-se chegando a respostas interessantes, sendo a mais importante delas é que muitas vezes uma teoria que domina o meio acadêmico, nem sempre é a mais apta para estudar seu objeto. Muitas teorias que dominam o meio acadêmico foram aquelas ganharam a 'corrida' do poder ideológico, político, social, financeiro etc.

Com o que foi exposto acima, na história das teorias linguísticas é visto somente uma oscilação, e algumas vezes uma aproximação, entre uma e outra abordagem já mencionada do mesmo paradigma, a saber: o naturalismo e o convencionalismo, ou seja, ora foram enfatizados aspectos naturais e imutáveis da língua, ora foram os aspectos mutáveis e sociais. Assim, com o que foi argumentado anteriormente, a linguística não sofreu nenhuma revolução científica, o que mais se aproxima de tal, ocorrendo apenas uma unificação das abordagens, é a teoria ecolinguística que se iniciou na década de 1970 e até a atualidade se encontra em fase de desenvolvimento, como uma teoria ainda recente.

A ecolinguística, apesar de ter surgido na década de 1970, começa a ganhar espaço somente na década de 1990 e no início do século XXI, devido à importância que vem sendo atribuída aos seguintes tópicos: necessidade de se abordar os objetos de estudo das diferentes ciências de outras maneiras inovadoras; certas mudanças científicas precisam ser acompanhadas pelas diferentes áreas do saber; a atualidade dos estudos ecológicos, ligados à sustentabilidade. Digno de nota, porém, é que a ecolinguística, apesar de também se preocupar com o discurso ecológico, não possui ligação com o discurso ecológico do *mass media*, já que estes discursos são tendenciosos, muitas vezes com objetivo de propagar ideologias, vender produtos, ditar normas e comportamentos, entre outros,

conforme vários ecolinguistas já analisaram, como: Stibbe (2005, 2012), que estuda as referências aos animais em geral (ao seu 'uso' pelo homem, as matanças, a alimentação etc.); Ramos (2009), que estuda o uso do termo 'ambiente' na mídia portuguesa; Alexander (2009), que estuda os discursos sobre o meio ambiente.

De acordo com o vem sendo exposto, a ecolinguística acaba por retirar seus pressupostos teóricos de diversas fontes, sendo as principais: a ecologia, a linguística, a filosofia e a ciência de sistemas complexos. Entre os principais autores, além dos já citados da área da linguística, é possível citar os trabalhos de Lovelock (2001), com sua hipótese de Gaia, que encara a terra como um organismo vivo, devendo ser encarado como um todo onde ocorrem as diversas inter-relações. Outros autores dignos de nota são: Capra (1998, 2002), citado anteriormente, relaciona a sabedoria oriental com teorias científicas contemporâneas; Naess (1973), fundador do movimento de 'ecologia profunda'; Odum (1971), reconhecido teórico da ecologia; Bateson (1979), pensador que versou sobre diversas áreas e formulou uma filosofia que apontava a necessidade da união entre a mente e natureza, chegando a chama-la de ecologia da mente; e Morin (1979, 2005), pensador francês que realizou críticas ao paradigma científico atual e à própria teoria de paradigma de Kuhn (1962), elaborando uma proposta da epistemologia da complexidade, ou ciências de sistemas complexos, que advém de um aparato filosófico de que o ser humano é complexo porque é duplo, sendo natureza e cultura, assim como o conhecimento não é só ciência, mas também está ligado à poesia, literatura em geral, as demais artes etc. Esses pressupostos teóricos, ou princípios, são extraídos da ecologia: meio ambiente, ecossistema, holismo, inter-relações, adaptação, evolução, porosidade, diversidade e visão de longo prazo.

Antes de listarmos esses pressupostos teóricos, é importante apresentarmos de forma sumária algumas das principais fontes de inspiração para a Ecolinguística, assim como a Linguística Ecológica, são elas: a visão ecológica de mundo, o ecossistema (conceito da ecologia biológica), a ecologia profunda e a ecologia social.

De maneira evidente, a dessas fontes é a visão ecológica de mundo (VEM), que perpassa tanto a linguística ecológica, como a ecolinguística em geral. Isso faz com que o praticante, ou qualquer simpatizante da ecolinguística, encare o mundo de modo diferente, do ponto de vista

ecológico, *from an ecological point of view*, nas palavras do ecolinguista e filósofo da linguagem alemão Peter Finke. Com esta visão, Finke se opõe ao ponto de vista lógico do filósofo americano Willard Quine, que falava *from a logical point of view*. O simpatizante da VEM procura inclusive usar uma linguagem que não induza a depredação da natureza, como pode ser visto em diversas publicações ecolinguísticas. Assim, este tipo de linguagem é denominado por Matos et al. (2014) de 'ecolinguagem', que não é propriamente uma linguagem ecologicamente correta, mas a linguagem que expressa a visão ecológica de mundo. A base de tudo na VEM é a macroecologia, sobretudo via ecologia biológica e ecologia linguística, sendo esta última uma designação alternativa para linguística ecossistêmica.

O primeiro desses conceitos é o de ecossistema, ao lado de todas as suas propriedades e características. As principais delas são: interação, diversidade, adaptação, abertura/porosidade, evolução (sucessão ecológica), reciclagem, sustentabilidade e visão de longo prazo. Há também as relações harmônicas, que levam à comunhão, consistindo em um conceito muito importante para a teoria da linguística ecossistêmica, junto a outros, como: relações desarmônicas, mutualismo, inquilinismo, parasitismo etc. sendo estes conceitos nada mais do que os tipos de interações que ocorrem entre as espécies no ecossistema.

Sobre a ecologia filosófica, restringir-nos-emos à ecologia profunda (EP), também conhecida como ecofilosofia, ou ecosofia, proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Em Naess (1973), há uma espécie de manifesto do movimento, distinguindo a 'ecologia profunda', que vai à raiz dos problemas, sem subterfúgios e sem concessão à ganância econômica, da 'ecologia rasa', que defende o meio ambiente até onde essa defesa não contraria interesses econômicos. Posteriormente, o autor propôs o que chamou de 'Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda'. Os pontos centrais da EP é a defesa da vida e que esta deve ser não apenas descritiva, mas também prescritiva. O termo 'prescrição' parece um tanto forte, por isso, podemos substituí-lo por algo como 'recomendação', ou 'intervenção em defesa da vida' (NAESS, 1989).

A ecologia social de Murray Bookchin também influenciou a ADE. Ela defende a ideia de que grande parte dos problemas ambientais e ecológicos é de base social, ou seja, criados por nossa sociedade (Bookchin, 1993). Portanto, cabe à sociedade resolvê-los, se quiser continuar sobrevivendo.

Outra ideia interessante de Bookchin é que a cultura provém da natureza, sendo que isto está em concordância com o que Finke (2001) apresenta em sua teoria ecolinguística.

O conceito de 'meio ambiente' é um dos pilares da ecolinguística, e faz-se necessário defini-lo de maneira simples e objetiva. Desta maneira, 'meio ambiente' é entendido aqui como o local onde ocorrem as interações linguísticas, e como se dão estas interações será explicado mais adiante, quando for definido o que são as 'inter-relações'. O meio ambiente para a ecolinguística não é um objeto único nem estático, sendo algo dinâmico, multifacetado e definido mais detalhadamente de acordo com a concepção das inter-relações do autor e de quais destas, objetiva observar. Porém, há traços em comum nos diferentes meios ambientes que são reconhecidos nas obras dos ecolinguistas. Desde o início da ecolinguística, Haugen (1972, p. 325) já havia chamado atenção para a importância de se levar em consideração o meio ambiente da língua, que ele identifica como a sociedade e a natureza, no estudo das línguas. Posteriormente, é possível citar autores como Mühlhäusler (1996) e Garner (2004) que desenvolveram aspectos teóricos e empíricos do estudo do meio ambiente da língua, principalmente do meio ambiente social. Além do meio ambiente social, que pode ser visto nos autores citados anteriormente, o meio ambiente natural está presente em toda abordagem ecolinguística, mesmo que alguns ecolinguistas não o façam explicitamente. Makkai (1993) faz uso de conceitos da linguística cognitiva, e Bastardas i Boada (1996) em sua proposta teórica e de análise faz uso de modelos mentais e das ciências complexas, o que corresponde aos conceitos de meio ambiente mental, e de holismo e inter-relações. Finke (1996, 2001, 2005, 2014) fala da ecologia da ciência e enfatiza o estudo da ecologia da mente como única solução para dar conta do estudo científico de elementos culturais e cognitivos. Nos vários artigos de Bang e Døør (2007), os autores ao abordarem dialeticamente a língua, apontam três dimensões a serem consideradas em sua análise, a saber: a bio-lógica, a ideo-lógica e a sócio-lógica. Esta tríade também foi desenvolvida por Couto (2007) que, em sua teoria da ecologia fundamental da língua, identifica três meio ambientes: o meio ambiente mental, o meio ambiente natural e o meio ambiente social.

Já o 'ecossistema' é o conjunto maior onde estão localizados os diferentes 'meio ambientes' e onde ocorrem as várias 'inter-relações'. Desta

maneira, o ecossistema pode ser definido como um composto de população de organismos e suas diversas interações entre si e com o respectivo habitat. Calvet (1999) chama atenção para o fato de que tudo na ecologia parte de relações: relações entre células geram organismos pluricelulares, estes, por sua vez, se organizam em colônias ou sociedades, que consideradas em sua totalidade são as populações, sendo essas várias populações classificadas como biocomunidades que integram um biótopo. O linguista expande estas inter-relações hierárquicas para a linguística, considerando em sua análise o ecossistema linguístico, o nicho das línguas, o meio ambiente, a regulação, a valência das espécies e a homeostase². Assim, o ecossistema, por ser objeto de estudo da Ecologia, é o ponto central dela e, por isso, optou-se por chamar de linguística ecossistêmica, o tipo de ecolinguística que considera o ecossistema como ponto de partida e ponto de chegada da análise realizada, porque tudo na Ecologia emerge do ecossistema ou imerge nele (Couto 2013, 2016), sendo, por isso, chamada de linguística ecossistêmica. A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos da ecolinguística, que a linguística ecossistêmica também partilha, e que será a base do presente estudo.

O 'holismo' consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema (Couto 2013). Nash (2011, p. 94) chama isto de minimalismo empírico, usado na escola ecolinguística de Adelaide, Austrália (Mühlhäusler 2003), e considera o ecossistema uma comunidade de fala de tamanho reduzido, e que possa ser tangível, no sentido investigativo. O conceito de 'holismo', criado por Smuts (1926) e empregado inicialmente em sua obra *Holism and evolution*, possui ligação estreita com o 'ecossistema', já que o interesse do estudo está localizado primeiramente no todo e somente depois é que se parte para o estudo das partes menores, que são definidas por suas inter-relações e pelas relações com o todo. Desta maneira, o 'holismo' acaba de certa forma por ser também um procedimento metodológico. Neste trabalho, foi escolhida para investigação a comunidade de fala leste-timorense de língua portuguesa, assim a comunidade de fala é pequena. Durante a pesquisa de campo, foi possível percorrer todos os distritos desta comunidade, assim como foram levados em conta nas

² Os princípios de regulação e homeostase estão interligados na teoria ecolinguística e explicam os processos de adaptação e evolução das línguas.

análises efetuadas as mais diversas inter-relações existentes dentro da comunidade de fala de PTL em Timor-Leste. Logo, o objeto de estudo foi considerado como um todo e foi contemplado o maior número possível de aspectos na investigação.

As 'inter-relações' são definidas como a série de interações que ocorrem dentro do ecossistema, sendo elas de três tipos principais: dos componentes bióticos entre si, entre os componentes bióticos e abióticos, e dos componentes abióticos entre si. Segundo vários ecologistas, como Odum (1971), o conceito de 'holismo' e de 'inter-relações' são os principais da ecologia. A importância das 'inter-relações' na ecologia e ecolinguística é o fato de que, a partir delas, é que o investigador realizará seus estudos, e no caso específico da ecolinguística, as 'inter-relações' são um dos fatores mais importante para o estudo das línguas e do meio ambiente linguístico. Como exemplo, Couto (2007, p. 31) chama atenção para a comunhão, que consiste na predisposição favorável para a comunicação de indivíduos que convivam durante muito tempo em um território. Sem a comunhão, predisposição à comunicação-interação, indivíduos podem conviver no mesmo espaço apresentando outro tipo de interação.

A 'adaptação' consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema, ora as espécies se adaptam ao meio ambiente se modificando, ora adaptam o meio ambiente modificando-o. Os objetivos maiores dessas mudanças adaptativas são a sobrevivência e manutenção da espécie, que somente ocorrem quando ambos o organismo e o ecossistema estão em equilíbrio, chamado de homeostase. Quando ocorre um desequilíbrio na espécie, ou no ecossistema, isto pode levar à extinção. Na ecolinguística, o aprendizado de uma nova língua, empréstimos linguísticos, casos de reestruturação gramatical, formação de pidgin, entre outros, são exemplos de adaptação a mudanças que ocorreram no ecossistema. Na análise do PTL, a ser realizada nos capítulos 5 a 7, será exposto que as mudanças linguísticas, os empréstimos e a reestruturação gramatical, que essa variedade do português apresenta, são frutos de adaptação linguística a mudanças que ocorreram no meio ambiente leste-timorense com a inserção de uma nova espécie, a língua portuguesa, conseqüentemente, alterando a interação entre as espécies linguísticas já existentes e modificando o meio ambiente de Timor-Leste, conforme será descrito no capítulo 4.

A 'evolução' está intimamente ligada ao conceito de 'adaptação'. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história, caso não tivesse esse caráter dinâmico/evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se tornaria obsoleta. Garner (2004, p. 139) afirma que, da mesma maneira, o meio ambiente também não é estático e a resposta ecológica, ou seja, adaptativa, é a evolução linguística, que o autor chama de 'criatividade' nas relações da língua em sua comunidade, que é a socialidade. Vale lembrar que o conceito de evolução, já existente na linguística, está relacionado com as demais características da linguística ecossistêmica, possuindo um lugar de destaque dentro da abordagem ecológica da língua, bem como é utilizado com um sentido diferente das teorias linguísticas tradicionais.

O conceito de 'porosidade' está ligado ao difícil processo de delimitar o objeto de estudo, já que no mundo real não há fronteiras claras e bem definidas, na realidade se encontram regiões e/ou situações mais centrais e prototípicas, que podem ser usadas para ilustrar adequadamente os fenômenos estudados, e regiões e/ou situações que se tornam confusas, menos evidentes, para o processo investigativo. Isto se dá pelo fato de que na natureza as inter-relações acontecem nos mais variados níveis, o que torna o processo de classificação, utilizado nas ciências atuais, problemático. O ecolinguista deve estar cômico que essas situações mencionadas terão que ser abordadas como um *continuum* que apresentará diferentes características intermediárias de dois ou mais ecossistemas. Na linguística, é possível mencionar exemplos de fronteiras linguísticas e das isoglossas.

A 'diversidade' consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies pelo mundo. O fato principal de se valorizar a 'diversidade' é que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia. Há casos pelo mundo, principalmente na Austrália, como o da inserção da raposa e do coelho europeu que prejudicaram a flora local e quase extinguiram a espécie conhecida como rato-canguru; a manutenção de uma superpopulação de canguru, como símbolo nacional, que acaba por devastar a flora e deixar as demais espécies sem alimentação, de que a intervenção humana nos ecossistemas, adicionando ou retirando uma espécie biológica, foi

desastrosa, já que o ser humano não é capaz de identificar corretamente o papel de cada espécie na natureza, nem mesmo com os estudos biológicos e ecológicos atuais, que se focam no comportamento animal, na biologia, e nas relações que ocorrem entre os organismos vivos ou entre os organismos vivos e os elementos abióticos.

A 'visão de longo prazo' é análoga à sustentabilidade, consistindo no mínimo, ou nenhuma, de intervenção na natureza para a solução de problemas, já que esses supostos problemas, além de muitas vezes ser problemas somente sob o ponto de vista humano, seriam solucionados naturalmente, seguindo o ritmo da própria natureza. Conforme foi apontado acima, intervenções humanas na natureza, até mesmo com o pretexto de beneficiá-la, acabam por apresentar uma solução somente em curto prazo, podendo surtir efeitos naturais desastrosos no futuro, ou seja, em longo prazo.

Finalmente, em posse do aparato teórico ecolinguístico definido acima, com base na linguística ecossistêmica (Couto 2013, 2016), é possível afirmar que para a ecolinguística a língua nada mais do que as interações verbais dos indivíduos de um ecossistema linguístico. Tal maneira de se encarar a língua será usada neste trabalho.

1.2 Visão ecológica da língua: os precursores

Apesar de a ecolinguística se encontrar em seus estágios iniciais, houve na história do pensamento dessa área do saber dois autores que se destacaram por relacionar de alguma forma língua e meio ambiente, foram eles: Wilhelm von Humboldt e Edward Sapir.

Os estudos linguísticos de Humboldt apresentam reflexões e preocupações que estavam em vigor em sua época, séculos XVIII e XIX, sendo as principais as relações entre 'língua e pensamento' e 'língua-ambiente-nação'. De acordo com Brown (1967, p. 70), o pensamento de Humboldt para relacionar língua com o meio ambiente e com a identidade nacional tem suas raízes na tradição literária e filosófica inglesa e francesa, além da própria Alemanha pré-romântica. Sobre o meio ambiente foram propagadas as ideias de determinismo ambiental de Jean Bodin (1530-1596), com sua obra *Les six livres de la République* (Os seis livros da república), publicado em 1576, que reintroduziu no pensamento ocidental o